

# “Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica

*Fátima Regina Gomes Tavares  
Marcelo Ayres Camurça\**

## Resumo

---

O artigo apresenta uma revisão bibliográfica dos estudos situados na interface entre a juventude e religião no Brasil. Num primeiro momento, discute-se as principais tendências das Ciências Sociais no tratamento da questão da juventude enquanto um “problema social”. Num segundo momento, são enfocadas as transformações teórico-metodológicas por que vem passando os estudos sobre essa temática. Por fim, analisando os trabalhos que abordam as relações entre religião e juventude, apontamos a trajetória de constituição deste campo temático, bem como algumas de suas características atuais.

---

**Palavras-chave:** juventude; religião; campo religioso brasileiro; Brasil.

---

## Resumé

---

L'article présente une révision bibliographique des études localisés dans l'interface entre la jeunesse et religion au Brésil. Dans le premier moment, sont discutés les tendances principales des sciences humaines dans le traitement du sujet de la jeunesse pendant qu'un “problème social”. Dans le deuxième moment sont concentrés les transformations théoriques et méthodologiques par lesquelles passent les études sur ce thématique. Finalement, en analysant les travaux qui approchent les rapports entre

---

\* Doutora em Antropologia [IFCS/UFRJ]; Prof.<sup>a</sup> do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF; Doutor em Antropologia [Museu Nacional/UFRJ]; Prof. do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF.

religion et jeunesse, nous avons pointé la trajectoire de constitution de ce champ thématique, aussi bien que quelques-unes de leurs caractéristiques courantes.

---

**Mots-clé:** jeunesse, religion, champ religieux brésilien, Brésil.

---

Tratar de um tema tão desafiador como o da juventude implica em, cada vez mais, investigar a heterogeneidade sob a qual se reveste essa categoria. Como já se observa no título deste trabalho, optamos, logo de saída, por sua versão no plural, reconhecendo na diversidade de experiências da juventude um caminho profícuo para a compreensão dos dilemas. Afinal, como salienta Paes<sup>1</sup>, o primeiro desafio que os cientistas sociais enfrentam ao tratar do “problema da juventude” é justamente o de se perguntar o que os jovens têm a dizer sobre isso. Em outras palavras, trata-se de compreender como os jovens experienciam essa representação social, para, dessa forma, poder ultrapassar a sua suposta homogeneidade.

A crescente problematização da categoria “juventude” vem norteando os estudos sobre esse tema. Percorrer esse processo é de fundamental importância para o objetivo central deste trabalho, que discorre sobre as relações entre religião e juventude na produção das ciências sociais no país. Assim, para que possamos compreender o significado e a contribuição da temática “religião” para os estudos da juventude, e vice-versa, precisamos, antes, considerar os meandros dessa trajetória.

A percepção social da importância e dos desafios implicados na “questão da juventude”, propalada por diferentes setores da sociedade (incluindo-se aí a importância do papel desempenhado pelos meios de comunicação), vem assinalando a diversidade das subculturas juvenis. No entanto, o conhecimento sobre alguns desses setores – especialmente a juventude pobre e negra – ainda é permeado por muitos estereótipos referentes à dinâmica da sua sociabilidade

---

<sup>1</sup> José Maria PAES, *Culturas Juvenis*. (Para referências bibliográficas completas, cf. abaixo Bibliografia.)

cotidiana (tratada como se fosse exclusivamente violenta), bem como ao campo de possibilidades<sup>2</sup> no âmbito do qual se movimentam esses jovens (tratados como criminosos ou em "situação de risco", quer dizer, como "sujeição criminal"<sup>3</sup>). Assim, em muitos estudos sobre o tema verifica-se uma preocupação crescente em delinear os contornos da diversidade do cenário juvenil; bem como tem se fortalecido a percepção de que qualquer inferência possível acerca da juventude – no singular – ganha plausibilidade somente se matizada pela transversalidade que caracteriza a diversidade das experiências juvenis. Como imagem desse movimento, podemos sugerir que os trabalhos e pesquisas sobre a juventude têm produzido um "alargamento" dos limites dessa categoria. Esse alargamento, no entanto, não se desenrolou de forma linear, mas, antes, foi atravessado por mudanças qualitativas na compreensão das experiências sociais da juventude.

Na análise dessa trajetória de "alargamento", pretendemos enfocar mais detidamente esses momentos de inflexão, que promovem uma reconfiguração das questões consideradas relevantes, produzindo, assim, novos ângulos de observação do fenômeno. Dois momentos dessa trajetória serão analisados. O primeiro caracteriza-se pelo reconhecimento da diversidade de experiências de juventude, conformando, por assim dizer, algo como um alargamento horizontal – marcado pela diversidade empírica – do campo. Influenciado mais fortemente pelas transformações verificadas na juventude brasileira nas décadas de 70 e 80, os estudos dessa época reconhecem nessa diversidade empírica um caminho promissor para a compreensão dos problemas da juventude

---

<sup>2</sup> Segundo Gilberto Velho, a noção de *campo de possibilidades* é pensada "como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos." Cf. Gilberto VELHO, *Projeto e metamorfose*, p. 40.

<sup>3</sup> Utilizamos o conceito de "sujeição criminal" no sentido atribuído por Misse em diversos trabalhos: "A sujeição criminal é o processo pelo qual identidades são construídas e atribuídas para habitar adequadamente o que é representado como um 'mundo à parte', o 'mundo do crime'. Há sujeição criminal quando há reprodução de 'tipos sociais' representados como criminais ou potencialmente criminais: bandidos." Cf. Michel MISSE, *Malandros, marginais e vagabundos & acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. p. 66.

(destaque especial para “juventude pobre”), anteriormente associada exclusivamente à experiência de jovens estudantes da classe média. No segundo momento, o reconhecimento da diversidade recobre uma outra perspectiva: atingindo transversalmente a diversidade empírica do fenômeno “juventude”, novas dimensões da experiência da juventude passam a ganhar destaque nos trabalhos (consumo, sexualidade, música, religião, etc.).

É justamente nesse contexto de alargamento transversal – marcado pela pluralidade de “olhares” de investigação – que se delineiam as interfaces entre juventude e religião. Esses estudos fazem parte de um movimento mais amplo, é certo; mas, ao mesmo tempo, estimulam-no, esgarçando as fronteiras das questões que são consideradas como socialmente relevantes.

Antes, no entanto, de abordar o campo dos estudos sobre a juventude no Brasil, para adentrarmos na análise bibliográfica sobre a relação entre juventude e religião, algumas considerações gerais merecem ser feitas sobre os paradigmas norteadores dessa discussão. Afinal, a trajetória da abordagem sócio-antropológica da juventude entrelaça-se intimamente com a própria construção social dessa categoria, ao mesmo tempo em que tem contribuído para a sua problematização, iluminando faces de uma experiência polissêmica, composta de vozes dissonantes.

## I A juventude como problema, os problemas dos jovens

A discussão em torno da abordagem mais adequada da “questão da juventude”, se através do recorte geracional ou a partir de outros vetores que qualificariam essa experiência como, por exemplo, a experiência classista, só faz evidenciar as ambigüidades e dilemas de que se reveste essa categoria.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Regina C. R. NOVAES, *Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas*.

Não bastassem esses desafios, busca-se saborear, na contemporaneidade, o frescor da eterna juventude. Um complicador a mais, com certeza. Dificultando o delineamento das fronteiras da juventude, podemos situar esses complicadores naquilo que Vianna<sup>5</sup> identifica como "promiscuidade intergeracional".

Desde o século passado, a juventude vem se constituindo como um problema social e sociológico. O imbricamento entre essas dimensões da questão tem se intensificado sobremaneira, desde as primeiras investidas sociológicas nesse tema, fruto dos trabalhos produzidos pela escola de Chicago, ainda na década de 20. Grosso modo, tem sido muito explorado o viés interpretativo que compreende a juventude como uma "fase da vida" que, no contexto da modernidade, adquire significação especial, conformando um problema geracional.<sup>6</sup> Em decorrência do seu caráter de "espera"<sup>7</sup> ou, como sugere Margulis e Uresti<sup>8</sup>, da "moratória" a ela associada, a juventude é atravessada por dilemas, anseios e problemas que lhe são característicos. Os problemas percebidos e reconhecidos socialmente como sendo "da juventude" têm variado ao longo das décadas: marginalidade/delinquência, trabalho, violência. No entanto, a despeito dessas variações, a representação da juventude como um problema social encontra eco no contexto da modernidade, enfatizando-se, assim, a singularidade histórica de uma experiência geracional.<sup>9</sup>

Considerar a problematização da juventude enquanto um problema da modernidade não esgota, no entanto, a questão. Como já observara Bourdieu<sup>10</sup>, a juventude, na medida que é reconhecida socialmente como tal, torna-se uma categoria sujeita a manipulações de toda ordem. Uma saída possível e desejável para não cairmos nas armadilhas dos

---

<sup>5</sup> Cf. Hermano VIANNA, *Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*, p. 9.

<sup>6</sup> Veja-se, por exemplo, o clássico trabalho de MANNHEIM, *O problema sociológico das gerações*.

<sup>7</sup> Sobre essa questão ver EISENSTADT, *De geração à geração*.

<sup>8</sup> M. MARGULIS; M. URRESTI, *La juventud es más que una palabra*.

<sup>9</sup> Phillipe ARIÉS, *Historia social da criança e da família*.

<sup>10</sup> P. BOURDIEU, *A juventude é apenas uma palavra*.

estereótipos que cercam esse objeto parece ser a de investigar o “problema” a partir da problematização das representações sociais dominantes na juventude. Assim, como sugere Paes<sup>11</sup>, vale a pena perguntarmos-nos como os supostos problemas da juventude vêm sendo vividos pelos jovens como *seus* problemas. É em torno desse desafio que tem oscilado as contribuições das Ciências Sociais: desconstruir essa representação social que homogeneiza um universo heterogêneo, reconhecendo, no entanto, a especificidade da experiência social da juventude.

O tratamento das ambigüidades da juventude tem compreendido dois grandes enfoques.<sup>12</sup> O primeiro orienta-se em torno do reconhecimento da especificidade do recorte geracional. Para essa corrente, inspirada nas teorias funcionalistas, a questão central reside nos desafios relativos à socialização: disfunções e descontinuidades podem ser observadas nos processos intergeracionais. Nesse enfoque também há lugar para o reconhecimento da diversidade no âmbito da experiência geracional, mas compreendida enquanto subculturas juvenis. O segundo enfoque é extremamente crítico à problematização da juventude (no singular), reconhecendo na sua pretensa homogeneidade um traço das representações dominantes acerca da juventude. Para essa corrente, a resistência das culturas juvenis não contrasta com as representações dominantes das gerações mais velhas, mas sim com as representações da classe dominante.

De toda forma, considerando-se a juventude “no singular” (recorte geracional) ou suspeitando dela (recorte classista), as abordagens mais recentes têm procurado articular a contribuição dessas correntes, orientando-se em torno do reconhecimento da juventude “no plural”, isto é, vasculhado a sua diversidade interna sem, no entanto, abrir mão do reconhecimento de uma experiência geracional que atravessa o campo, imprimindo-lhe uma tonalidade própria. A conformação desses “marcos” no tratamento da juventude é bastante visível também nos trabalhos sobre a juventude brasileira.

---

<sup>11</sup>Cf. José Maria PAES, op. cit, p. 27.

<sup>12</sup>A argumentação que se segue nesse parágrafo encontra-se referida em PAES, op. cit.

## 2 Da juventude às juventudes e olhares: o caso brasileiro

O reconhecimento das ambigüidades que atravessam a questão da juventude vem pautando as abordagens sobre o tema, sobretudo a partir dos anos 80. Como observa Abramo<sup>13</sup>, em trabalho já clássico, até a década de 70 os estudos sobre a juventude no Brasil eram esparsos, concentrando-se fundamentalmente num segmento restrito da juventude, aquele caracterizado pela classe média urbana e universitária.<sup>14</sup> Como ela bem lembra, a visibilidade social da juventude compreendeu os problemas e o imaginário (o da política) da juventude estudantil: as interpretações aí produzidas acabaram por "mitificar" essa juventude, transformando-a em paradigma para as juventudes posteriores:

Dessa maneira é que se produziu uma espécie de 'fixação' do modelo ideal do comportamento juvenil nos movimentos da década de 60, quando as manifestações estudantis e juvenis parecem ter atingido o grau máximo da utopia e de capacidade de interferência nos acontecimentos sociais. A fixação, assim, acabou por cristalizar uma 'essência' da condição juvenil como portadora de utopias e de projetos de transformação.<sup>15</sup>

Nas interpretações da época, as potencialidades da juventude acabaram sendo confundidas com as potencialidades de um segmento. Da mesma forma, o recorte geracional, largamente utilizado naquele momento, estimulava esse processo de cristalização de mitos, na medida em que identificava nas tensões geracionais de um segmento da juventude as características mais amplas do problema intergeracional. A problematização dessa interpretação da época tende a comparecer em trabalhos mais recentes, como o de Lima<sup>16</sup>, que

<sup>13</sup>Helena ABRAMO, *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*.

<sup>14</sup>Algumas abordagens clássicas sobre esse tema na sociologia brasileira são as de Otávio IANNI, *O jovem radical*; e Marialice FORACHI, *A juventude na sociedade brasileira*.

<sup>15</sup>Helena ABRAMO, *op. cit.*, p. xiii.

<sup>16</sup>Ari LIMA, *Funkeiros, timbeleiros e pagodeiros: notas sobre juventude e música negra em Salvador*. *Caderno CEDI*.

trata da produção musical da juventude negra em Salvador. Apontando a contribuição da análise de Foracchi, que compreende a geração como uma “modalidade particular de localização social”<sup>17</sup>, o autor, no entanto, adverte:

É bom lembrar que a reflexão de Foracchi sobre geração e juventude se enquadra no limite sociológico de uma juventude branca, urbana, de classe média e universitária, que protagonizou as rebeliões estudantis no final da década de 1960. Deste modo, a autora busca a uniformização de uma determinada geração juvenil a partir do conflito determinado pela crítica a valores e perspectivas de adesão social de uma geração anterior pertencente a um mesmo grupo de locação. Eram universitários em crise com a preservação, transmissão e renovação de um patrimônio cultural, preocupados com suas possibilidades de atuação social e dinamização do sistema social mais amplo.<sup>18</sup>

A hegemonia do enfoque geracional vai perdendo espaço à medida que se observam transformações na composição da juventude brasileira, decorrentes das mudanças sociais e econômicas que irão alterar profundamente o perfil do campo e das cidades do país. A percepção social da juventude passa, a partir da década de 80, por um “alargamento” na sua visibilidade, não mais se confundindo com o segmento da juventude estudantil. Os trabalhos desse período reconhecem essa heterogeneidade, passando a investigar os problemas referentes a outros segmentos juvenis: os contornos da juventude vão, pouco a pouco, mostrando-se mais diversificados do que até então pareciam. Afastando-se das preocupações iniciais que giravam em torno da política estudantil, os estudos sobre a juventude passaram a tratar de outros problemas da juventude, tais como a escola e o trabalho.<sup>19</sup>

<sup>17</sup>Cf. Marialice FORACCHI, *A juventude na sociedade brasileira*, p. 20.

<sup>18</sup>Ari LIMA, *op. cit.*, p. 80.

<sup>19</sup>Essa questão foi abordada por Helena ABRAMO, *op. cit.* Apresentando um balanço dos estudos que abordam a questão da infância e adolescência no Brasil, Alvim e Valladares também situam o contexto dos anos 70 como aqueles que marcam a “entrada” das ciências humanas nesse tema, anteriormente dominado pela abordagem jurídica, identificada como a “questão do menor”. As autoras observam que “[...] é na metade dos anos 70 que se configura mais fortemente a composição desse campo temático, que vê na década de 80 novos temas se afirmarem [...]. Vista em seu conjunto, constata-se que tal evolução temática se articula de forma muito direta com a própria

Podemos, dessa forma, situar essa primeira mudança nos limites de um "alargamento" horizontal do campo: na esteira das transformações empíricas, as abordagens dessa época reconheceram a pluralidade interna que atravessava o "mito da juventude" e buscaram investigar os temas considerados relevantes para a compreensão das transformações estruturais pelas quais passava a sociedade mais ampla. Mas o redirecionamento do "olhar" sobre a juventude só viria mais tarde. Ao abordar os problemas dessa perspectiva, Abramo assim retrata os seus limites:

Mas, mesmo nessas análises, a atenção quase nunca é dirigida à forma como os jovens experimentam essas atividades. O tratamento da juventude é geralmente subordinado à ótica das questões maiores referentes às formas de exploração e de reprodução da força de trabalho ou dos problemas gerais que a educação no país coloca em termos de qualificação e aproveitamento escolar.<sup>20</sup>

A partir dos anos 90 é que a produção das ciências sociais sobre a juventude tem se debruçado de forma sistemática sobre novas dimensões da experiência juvenil, dimensões essas até então negligenciadas porque não tomavam como eixo central das suas preocupações as significações que os próprios jovens possuíam acerca da sua condição. Assim, a abordagem compreensiva e as metodologias qualitativas a elas associadas vêm ganhando destaque nos trabalhos. Observa-se um crescente interesse pelas dimensões do lazer, consumo, sexualidade, imaginário e crenças, temas até então considerados de menor interesse. No âmbito dessa perspectiva teórico-metodológica, os "velhos temas" também são revisitados, mas sob novas perspectivas. A relevância das dimensões do trabalho e da violência tem se acentuado cada vez mais, produzindo novos ângulos de observação dos dilemas da condição juvenil. É o que pode-

---

realidade da infância pobre do país, tal qual ela foi se configurando ao longo das últimas décadas." Cf. Maria Rosilene ALVIM; Lícia VALLADARES, *Infância e sociedade no Brasil: uma análise da literatura*, p. 14-15.

<sup>20</sup>Cf. Helena ABRAMO, *op. cit.*, p. 56.

mos depreender do relato de pesquisa – sensível e subjetivado – de Diógenes<sup>21</sup>, ao narrar as surpresas que o trabalho de campo lhe reservou, obrigando-a a flexibilizar fronteiras que antes lhe pareciam insuspeitas:

Mesmo estando interessada na dimensão da violência entre as gangues, passei a perguntar sobre tudo: passeios, namoro, família, crenças, times preferidos etc. Parecia descortinar a tão propalada idéia de que a violência é, de forma restrita, a dimensão destrutiva que recorta a vida social; que violência e não violência atuam de modo separado. (...) Tudo estava se recompondo na minha cabeça, eu descobrira que a violência e ordem convivem lado a lado. (...) com as gangues entendi que a dinâmica da violência induz experiências, institui grupos, ritualiza e positiva os estigmas sociais.<sup>22</sup>

Assim, ao “alargamento” da idéia de juventude, característica da primeira inflexão nesse campo de estudos, observa-se, atualmente, uma intensificação desse processo, incorporando novas dimensões na investigação “das juventudes”. No entanto, parece-nos que o interesse em buscar novos ângulos, decifrar as entrelinhas dos discursos, explorar novos territórios é indicativo da mudança interna ao campo das ciências sociais. A problematização sócio-antropológica do fenômeno – anteriormente marcada pelo paradigma “macro” com seus norteadores estruturais –, vem orientando-se pelas abordagens “micro”. Seguindo essa trilha, muitos trabalhos têm buscado compreender os significados da ação no contexto cotidiano. Atravessando a variedade de dimensões abordadas no âmbito da experiência juvenil, podemos encontrar essa mesma preocupação em diferentes artigos, livros e coletâneas. É o que podemos observar nos seguintes trechos de trabalhos que investigam as relações entre juventude e expressões do mundo da cultura:

Interessa-nos aprender os significados que os jovens atribuem à experiência de participação nos grupos musicais, buscando com-

<sup>21</sup>Glória DIÓGENES, *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*.

<sup>22</sup>*Ibid.*, p. 17.

preender os sentidos que adquirem no processo de construção social de cada um deles.<sup>23</sup>

Ao propor refletir sobre a idéia de juventude através de sua relação com a música, necessariamente, não desprezo temas ou questões como trabalho, educação, violência ou criminalidade. Observe, entretanto, que a despeito da importância de se pensar a relação entre juventude e estes temas citados, tal proposição acaba sempre repondo a idéia de juventude e a experiência juvenil no nível da falta de sentido em relação à sociedade civil organizada ou a estruturas sociais hegemônicas.<sup>24</sup>

Mas não é apenas nos trabalhos que exploram novas dimensões de experiência juvenil que a importância da abordagem compreensiva se destaca. Também na investigação de temas já consagrados – como violência, cidadania, exclusão social, evasão escolar – essa mesma preocupação pode ser observada. A propósito de uma pesquisa sobre violência entre jovens moradores da periferia de Belo Horizonte, Araújo assim delineia o seu método de investigação: "A intencionalidade dos atos, as percepções dos atores e o caráter intersubjetivo dos significados foram altamente privilegiados."<sup>25</sup>

Vale destacar, ainda, que essa mesma perspectiva orientou duas abrangentes pesquisas sobre violência e juventude: a primeira delas na cidade do Rio de Janeiro; a segunda, nas cidades da periferia de Brasília:

Neste estudo, buscou-se analisar o sentido que os jovens cariocas pertencentes a distintos estratos socioeconômicos atribuem à juventude, à violência e à cidadania, especialmente no âmbito de seu cotidiano familiar, escolar e de sociabilidade. O pressuposto básico que o norteou foi o de que, ao buscar mapear suas representações, atitudes, crenças e comportamentos sobre experiências vividas, percebidas e imaginadas fosse possível compreender tanto os aspectos culturais que fundamentam suas práticas, como a visão de mundo que se observa a partir das aceleradas transformações por que passa a sociedade, de forma muito particular, nas duas últimas décadas.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup>Cf. Juarez DAYRELL, *O rap e o funk na socialização*, p. 119.

<sup>24</sup>Cf. Ari LIMA, *op. cit.*, p. 82.

<sup>25</sup>Cf. Carla ARAÚJO, *As marcas da violência na constituição da identidade de jovens na periferia*, p. 143.

<sup>26</sup>Cf. Maria Cecília MINAYO et al., *Fala galera: Juventude, violência e cidadania*, p. 11.

O espaço urbano do jovem foi abordado quantitativa e qualitativamente a partir de questões destinadas a colocar em foco o seu grau de identificação com as cidades em que mora, suas percepções acerca das profundas diferenças entre o Plano Piloto e essas cidades e dos problemas de infra-estrutura na periferia. Foram explorados aspectos da sociabilidade, as formas de lazer, a organização do tempo/espaço e a maneira como os jovens preenchem as suas horas vagas, dado o seu restrito leque de opções.<sup>27</sup>

O incremento da abordagem compreensiva nos estudos sobre a juventude, propiciando e estimulando o interesse por novas facetas desse universo, não configura, evidentemente, a única perspectiva de investigação disponível. No entanto, talvez não seja exagerado afirmar que ela configura a marca registrada do conjunto das pesquisas nesses últimos anos. Enfim, parece-nos que o momento atual pode ser caracterizado pela pluralidade de perspectivas, delineando um cenário de pluralismo teórico e metodológico, como parecem demonstrar a recente coletânea organizada por Hermano Vianna<sup>28</sup> ou ainda alguns periódicos que reservaram números temáticos à questão da juventude.<sup>29</sup>

A emergência dos estudos sobre religião e juventude insere-se na dinâmica de “alargamento” transversal, característica desse segundo momento. Essa reorientação teórico-metodológica de que falamos acima tem estimulado essa diversidade, produzindo novos recortes, problematizando fronteiras, flexibilizando critérios rígidos de adesão e pertencimento.<sup>30</sup> Datando dos anos 90, a investigação das interfaces entre juventude e religião explorou, inicialmente, o universo da juventude estudantil. Pouco a pouco, no entanto, observa-se uma diversificação empírica (diferentes segmentos juvenis) e metodológica (*surveys* e pesquisas qualitativas). É sobre esse conjunto de trabalhos que iremos nos debruçar a partir de agora.

<sup>27</sup>Cf. Miriam ABRAMOVAY et al., *Gangue, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*, p. 35.

<sup>28</sup>Hermano VIANNA, op. cit.

<sup>29</sup>Veja-se, por exemplo, os trabalhos reunidos nos *Cadernos Adenauer*, n. 6; ou, ainda, os números temáticos 50 e 57 das *Comunicações do ISER*.

<sup>30</sup>R. C. R. NOVAES, op. cit.

### 3 A juventude e a temática da religião

Pode-se situar a introdução do tema da religião nos estudos sobre juventude no bojo deste "alargamento" transversal que incorpora o campo das experiências juvenis, suas crenças e comportamentos. Paradoxalmente, nos primeiros estudos, apesar da abertura do recorte, o objeto sofre um "afunilamento", destacando-se apenas a juventude estudantil universitária. No entanto, esta perspectiva abre novas abordagens – como a da *religiosidade* – para um segmento que nas análises anteriores era identificado apenas sob o crivo da política. Ressalve-se também que, nestas abordagens, a juventude universitária nunca foi tomada como paradigma de "juventude", mas apenas um "espaço" de encontro de tendências sociais contemporâneas com uma apropriação geracional singular mas representativa deste ciclo de vida.

Os estudos que se seguem ampliam o enfoque para as manifestações culturais de determinados subconjuntos da juventude, como o *hip-hop*, em contexto específico de exclusão e violência, mas que atravessam e agregam outras "juventudes" que, embora vivendo em contextos variados, partilham da mesma conjuntura social e simbólica. Também estudos montados em pesquisa de opinião sobre a totalidade de jovens em grandes metrópoles revelam, para além das clivagens sociais e culturais, amplos espaços de interseção em termos de experiências geracionais, sociais e culturais.

O que se constata através do adensamento destas pesquisas é uma intensificação da comunicação de identidades, realidades sociais e culturais e experiências geracionais, tornando bastante complexo o fenômeno da(s) juventude(s) na interface com a(s) religião (ões).

Desta forma, o conjunto dos trabalhos que vem formando o campo de estudos de "juventude e religião" que analisaremos em seguida, não escapa das clivagens teóricas do campo acadêmico de análise da juventude em geral, polarizado, de um lado, pela ênfase nos marcos geracionais e de outro na pluralidade de formas de "ser jovem". Acrescenta ainda a esta área de estudos em afirmação questões cruciais

do campo de estudos da religião: como o do papel da religião na modernidade e no Brasil, secularização e sincretismo com todo seu corolário.

### 3.1 Abordagem pioneira de Novaes: juventude e religião dentro do enfoque do sincretismo e dos marcos geracionais

O artigo da antropóloga Regina Novaes *Religião e Política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais*, publicado em *Comunicações do ISER* em 1994, pioneiro na articulação dos temas religião e juventude – que gerou desdobramentos acadêmicos a partir de seu modelo: objeto, metodologia, etc. – não se ateve, enquanto preocupação de fundo, em realizar uma tipologia das tendências religiosas entre os universitários pesquisados e relacioná-las ao campo religioso brasileiro, ou ainda em tratar a questão dentro da problemática da secularização ou reencantamento na modernidade. Embora tenha abordado com competência todas estas questões e inspirado estudos posteriores que se concentraram nestes aspectos, a ênfase deste trabalho repousou na questão das hibridizações culturais contemporâneas, sob a formulação de sincretismo.

Neste texto, a explicitação das crenças religiosas entre a juventude universitária se deu a partir de um curso que a autora ministrou sobre “Ritual e Simbolismo”, no Instituto de Ciências Sociais e Filosofia da UFRJ. Dentro do paradigma interpretativista da antropologia contemporânea, onde a objetividade é relativizada em prol da intersubjetividade (estudar algo que não é indiferente a quem estuda), levou a que alunos (religiosos) escolhessem a religião para tema de pesquisa. Despontaram então, neste laboratório, casos de alunos religiosos pesquisando sua religião, a religião dos pais, sua antiga religião, etc., com isto recuperando situações que guardavam mais continuidades que demarcações daquele espaço universitário laico com o campo religioso brasileiro. Porém, para controlar um provável “vício” naquela “amostra”, onde alunos com pertença religiosa pode-

riam estar mais interessados que outros em um curso sobre ritual e simbolismo, a autora resolveu aplicar um *survey* para o restante dos alunos do Instituto, onde se cruzava pertencimento religioso com variáveis como sexo, cor, escolaridade dos pais, local de moradia, etc. Com o resultado da pesquisa apontando 56% de declarações de estudantes que possuem religião e 44% de "sem religião", e dentre a maioria religiosa o percentual apontar certa correspondência com a distribuição na população brasileira: católicos 33%, evangélicos 11%, espírita 8% e candomblé 4%, a autora passou à análise a partir do cruzamento dos dados. Como apreciação mais de fundo, baseada nas estatísticas, Novaes concluiu que o fator religioso está presente mais em estudantes, negros, mulheres, membros de famílias com menor grau de escolaridade e moradores de periferia, e isto pareceu apontar a religião como um dos indicadores da identidade dos mais pauperizados que atingem as esferas do saber/poder.

Para além de buscar inferências mais "coladas" no resultado formal dos dados (porcentagem dos estudantes por religião, índice de frequência aos cultos, grau de adesão às religiões escolhidas ou herdadas), Novaes especula, na perspectiva do sincretismo, preferindo ver os índices percentuais dessas pertencas, adesões religiosas, não "congelados" em cada quesito, mas no transcurso de trajetórias e itinerários (captados nos relatos dos estudantes religiosos e contrastados com os dados do *survey*), o que implica alternâncias, mudanças, combinações. Ao longo do transcurso de vida destes estudantes, em meio a escolhas religiosas, opção pelas Ciências Sociais e pelo ativismo político, são operados sincretismos, sucessivamente ou em algum ponto dessa trajetória: do aluno ateu que tornou-se católico agente pastoral negro (APN); do católico não-praticante que tornou-se ateu "petista" e por fim converteu-se ao pentecostalismo da Assembléia de Deus, atuando na "renovação" de sua igreja; do católico das CEBs que combina sua militância com a frequência aos cultos carismáticos da RCC. Nestas trajetórias, a Universidade e o curso de Ciências Sociais funciona como um "marco socializador" e um espaço para essas com-

binações. Devido a um certo “desprestígio da carreira [cientista social] na hierarquia das profissões”, o curso tornou-se poroso ao ingresso dos socialmente desprivilegiados e “com religião”, e desta forma, “lugar de passagem” que fornece o arcabouço da “modernidade secularizadora” (conhecimento científico) a estes segmentos. Por essas suas características, adquire a singularidade de processar inversão (mais um exemplo de sincretismo!) do que se passa na sociedade maior: no curso o crente está fundamentalmente preocupado em assimilar os conteúdos da profissão, lá fora é proselitista de sua religião; ao passo que o laico que lá fora é indiferente a religião, no curso se permite à curiosidade (científica) em relação a ela. Enfim, para autora, o curso de ciências sociais em tela expressa o encontro contemporâneo de crença e conhecimento, onde o “nativo” é também o antropólogo, e expressa também as formas de articular pertença religiosa, abordagem científica e opções políticas.

Em *Juventude e Religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas*, publicado em *Féís e Cidadãos: percursos de Sincretismo no Brasil*, em 2000, a autora, tendo-se articulado a uma pesquisa coordenada pelo NER da UFRGS, envolvendo várias universidades brasileiras, que visava dar seguimento àquela sua iniciativa de 1994 (mencionaremos estes trabalhos no próximo item), retoma o tema da juventude e religião através da categoria sincretismo.

Acrescenta, entretanto, à abordagem do primeiro artigo, a idéia de marcos geracionais, a partir dos quais uma literatura especializada busca conceptualizar “juventude”. Esta preocupação mais analítica com o específico da “juventude” na autora, em relação ao texto anterior, se dá em meio a um crescente envolvimento teórico e de intervenção que ela passou a experimentar com este segmento, a propósito de sua inserção enquanto participante do mundo das ONGs com atuação na “sociedade civil”.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Regina C. R. NOVAES; Clara MAFRA, *Juventude: conflito e solidariedade*; R. C. R. NOVAES, *Ouvir para crer: Os Racionais e a fé na palavra*. Mencionaremos também mais abaixo estas iniciativas.

Partindo de uma definição biológica da Organização Internacional da Juventude – faixa de 15 a 24 anos – ela relativiza essa visão substantivista, mostrando como regras socialmente construídas fazem variar essa faixa nas diferentes culturas e no interior de uma mesma cultura. Recortes de classe, gênero, cor, moradia, responsabilidade face à família marcam as diferenças em identidades juvenis variadas. Acresce-se a estes fatores distintivos, outros, como opção sexual, estilo cultural, pertencas políticas, associativas e religiosas. No entanto, há um campo comum – enquanto marco geracional – que permite falar em “juventude”. Ele está em torno do conceito de “moratória social/vital”, de Margulis e Urresti<sup>32</sup>, condição biológica e social que permite a este segmento “aproveitar a vida” sem constrangimentos. Novaes, no entanto, recupera a idéia de “condição biológica” mais como uma representação, que se constitui em torno da percepção de um “fruir da vida plenamente”. Além disso, ela considera três condicionantes sociais a compor essa experiência geracional comum. São eles: a incerteza diante do mercado de trabalho, a violência urbana e a linguagem da comunicação visual (*internet*). A combinação destes fatores (os que fragmentam e os que aglutinam) termina por gerar “subconjuntos” juvenis, com os quais se identificam jovens de grupos sociais distintos e socialmente em disputa. Este fenômeno se expressa em “espaços de encontro” como: “bandas”, “tribos”, grupos de teatro e também, como no exemplo do artigo anterior, cursos universitários de Ciências Sociais.

Em relação à pesquisa anterior que identificou 56% de alunos “com religião” no curso de Ciências Sociais da UFRJ, uma inversão foi constatada na pesquisa mais recente que aponta apenas 34% de alunos possuidores de religião, figurando 64% como “sem religião”. Essa tendência, já levantada no primeiro artigo – de que existia um agrupamento representativo de jovens com religiosidade, mas fora das instituições religiosas, em “trânsito” e utilizando os recursos religio-

---

<sup>32</sup>M. MARGULIS; M. URRESTI, *op. cit.*

sos como forma de auto-conhecimento e terapêutica – vem a se confirmar nesta nova pesquisa, quando da maioria “sem religião”, apenas 9,1% se declaram ateus contra 39,8% que se dizem “sem religião institucional”. Ou seja, a experiência desta maioria de jovens “sem religião” que, sem serem ateus, dispensam a mediação institucional em prol de uma síntese pessoal, pode ser pensada articulada à noção de sincretismo. A situação nova parece indicar para dentro do curso de Ciências Sociais uma certa mudança de clientela, com o aumento do grau de instrução dos pais e melhoria de local de moradia. Também em relação ao campo religioso, aponta que esta “virada” para uma maioria “sem religião” sintoniza-se com uma situação geral expressa no Censo de 2000, que identifica o contingente de “sem religião” dobrando de 6,9 milhões do censo anterior para 12,3 milhões e particularmente no Rio de Janeiro – cidade que sedia o Curso de Ciências Sociais analisado – indicado no censo como o estado da federação com o maior índice de “sem religião”, cerca de 15,5%.

O refinamento deste texto, em relação ao anterior, é que retoma o tema do sincretismo a partir dos marcos geracionais. Assim combinadas, ambas categorias ajudam a perceber como os jovens, a partir da referência de uma alteridade (outros jovens) e de contextos socio-culturais disponíveis, elaboram classificações singulares de crenças e religiosidades que, mesmo provisoriamente, lhes fornecem identidades.

### 3.2 A Pesquisa Coordenada do Núcleo de Estudos da Religião (NER) da UFRGS com demais universidades no país

Sob a coordenação do Núcleo de Estudos da Religião (NER) da UFRGS, e assumidamente inspirada no artigo de Novaes<sup>33</sup>, foi realizada uma pesquisa numa escala bem maior que a pioneira, analisando o perfil religioso dos estudantes dos

---

<sup>33</sup>R. C. R. NOVAES, *Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais*.

cursos de Ciências Sociais envolvendo as seguintes universidades: UFRGS, UNISINOS, PUC/RS, UFMG, UFJF e UFRJ.

Publicada nos *Debates do NER*, nº 2, 2001, contou com um artigo introdutório de Steil, Alves e Herrera<sup>34</sup>, coordenadores da pesquisa, em que é feita uma análise mais geral do conjunto dos dados de todo o universo em questão, seguidos por artigos em que cada pesquisador local se debruça sobre sua realidade específica, ou seja, Camurça<sup>35</sup> e Cardoso, Peres e Oliveira<sup>36</sup> analisam respectivamente os dados para a UFJF e a UFMG, Lewgoy<sup>37</sup> os dados da UFRGS, Gaiger, Locks e Silva<sup>38</sup> os da UNISINOS e Jungblut<sup>39</sup> os da PUC/RS.

Já na apresentação da publicação, seus editores mencionam que o objetivo da pesquisa foi "conhecer mais o imaginário religioso e interesses políticos dos jovens universitários, alunos de Ciências Sociais".<sup>40</sup> Embora não podendo ser generalizados para todo o universo dos estudantes dos Cursos de Ciências Sociais no Brasil, os resultados da pesquisa servem como uma "contribuição" para o estabelecimento de um perfil deste segmento no que tange ao imaginário religioso.<sup>41</sup> No primeiro artigo, Steil, Alves e Herrera frisam que em relação ao texto de Novaes<sup>42</sup>, que originou essa pesquisa, houve um "deslocamento da questão do sincretismo, central na pesquisa do IFCS, para um inventário de práticas e representações" sobre religião e política na juventude universitária analisada.<sup>43</sup>

<sup>34</sup>Carlos STEIL; Daniel ALVES; Sonia HERRERA. Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais.

<sup>35</sup>Marcelo A. CAMURÇA, Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora – MG.

<sup>36</sup>Alexandre CARDOSO; Léa F. PEREZ; Luciana OLIVEIRA, Quem mora ao lado? O pecado ou a virtude? Um estudo comparativo sobre a adesão religiosa e política entre estudantes de Ciências Sociais e de Comunicação da FAFICH/UFMG.

<sup>37</sup>Bernardo LEWGOY, Secularismo e Espiritismo nas Ciências Sociais: discutindo os resultados da UFRGS.

<sup>38</sup>Luiz Inácio GAIGER; Eliane Conceição LOCKS; Cleonice SILVA, Uma visão preliminar dos estudantes da UNISINOS.

<sup>39</sup>Aírton Luís JUNGBLUT, A religião entre os estudantes de Ciências Sociais hoje: declínio do ateísmo ou despolarização de posicionamentos?

<sup>40</sup>Carlos STEIL; Daniel ALVES; Sonia HERRERA, op. cit., p. 5.

<sup>41</sup>Ibid., p. 7.

<sup>42</sup>R. C. R. NOVAES, Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais.

<sup>43</sup>C. STEIL; D. ALVES; S. HERRERA, op. cit., p. 10.

O próprio conteúdo das perguntas já sugere uma agenda de questões (aplicadas a este segmento social e etário), enfocando como questão de fundo o papel da religião na modernidade e sua articulação com o indivíduo e a sociedade. Questões sobre a autodefinição dos respondentes como: “religioso”, “sem religião”, “agnóstico” e “ateu”, questões inquirindo sobre o peso da família, de um lado, e das motivações pessoais, por outro, na definição de uma opção religiosa por parte destes jovens, indagariam sobre continuidades e rupturas entre um tradicionalismo holista e o individualismo moderno. As perguntas sobre a pertença única ou múltipla às religiões; sobre o grau de frequência na sua religião e sobre curiosidade sobre outra religião, remetem a análises que permeiam o debate sobre as tendências que organizam a dinâmica do campo religioso brasileiro: sincretismo, “mercado religioso”, ou identidade e pertencimento religioso exclusivo. Também questões sobre um *ranking* de crenças preferenciais, envolvendo figuras do panteão cristão, afro-brasileiro, mediúnico e esotérico, como: Deus, Jesus, Virgem Maria, anjos, santos, demônio, reencarnação, energia e aura, astrologia e horóscopo, duendes e gnomos, etc., parecem perscrutar sobre padrões e tendências que implicam em transformações, inversões ou permanências no imaginário religioso do indivíduo contemporâneo.

Nos artigos de Camurça e de Cardoso, Perez e Oliveira, respectivamente para os estudantes da UFJF e UFMG, evidencia-se uma perspectiva de comparação entre o segmento enfocado e as dinâmicas do campo religioso brasileiro, mineiro e local, metropolitano. Comparação esta articulada com uma reflexão mais de fundo sobre o papel da religião na sociedade, confrontada com tendências secularizantes e dessecularizantes. Explicações que procuram levar em conta a presença e ausência das religiões em extratos médios e escolarizados (pentecostais e afro-brasileiros negativamente, espíritas positivamente). Discussões que tomam como referenciais o sincretismo tradicional, o trânsito religioso (pós-) moderno e a moderna identidade religiosa exclusiva, como ideal-tipos para se entender o quadro analisado. Enquanto que, para Camurça, os alunos de Juiz de Fora pare-

cem seguir um modelo religioso “moderno e esclarecido”<sup>44</sup>; em Cardoso, Perez e Oliveira, para o caso de Belo Horizonte, teríamos o equivalente dos “coerentes e virtuosos” que estabelecem uma “hierarquia de crenças”, à maneira cartesiana e moderna, todavia em contraste com outros alunos, que enredados (do ponto de vista modernizante) neste “pecado”, têm no pensamento mágico seu “componente de crença mais eficaz”.<sup>45</sup>

No artigo de Lewgoy, sobre os alunos da UFRGS, pode-se perceber o fio condutor do debate sobre religião e modernidade, expresso na discussão que ele empreende sobre o peso do “secularismo” nas respostas dos alunos que se definiram como “sem religião”, agnósticos e ateus, articulando esse fator nos termos de uma cultura cívica e pública de matriz positivista presente na sócio-gênese das instituições gaúchas. Da mesma forma, explica a expressiva presença do espiritismo entre os estudantes por ser um credo “racionalista, teísta e laico”, movido mais pela “ética” do que por um “fideísmo” tradicionalista.<sup>46</sup>

Para Gaiger, Locks e Silva, ao analisarem a realidade de uma universidade confessional no interior gaúcho, a UNISINOS, tomam a mesma discussão em sentido inverso. Constatam o baixo grau de “impugnação do religioso”, tornando “dispensável” a aplicação do paradigma clássico da secularização para a realidade dos estudantes da UNISINOS. Isto, contudo, não implica, para o caso observado, numa “fixação religiosa em moldes tradicionais”.<sup>47</sup> Utilizam os conceitos de “trânsito religioso”, “pluralismo religioso” para explicar os índices de crescimento do espiritismo e do pentecostalismo (exceção em relação aos demais cursos analisados) que demonstraria uma transferência de adeptos do catolicismo e protestantismo tradicionais para estes grupos. Também apontam a presença de uma dupla ou tripla filiação religiosa entre estes estudantes, envolvendo o catolicismo, protestantismo, espiritismo, religiões afro-brasileiras e ori-

<sup>44</sup>M. A. CAMURÇA, op. cit., p. 58-62.

<sup>45</sup>A. CARDOSO; L. F. PEREZ; L. OLIVEIRA, op. cit., p. 94.

<sup>46</sup>B. LEWGOY, op. cit., p. 110.

<sup>47</sup>L. GAIGER; E. C. LOCKS; C. SILVA, op. cit., p. 131.

entais, na qual “tradição e disposição para o encontro de novos referentes não são realidades contraditórias”.<sup>48</sup>

Já Airton Jungblut, para o caso da PUC/RS, universidade urbana e cosmopolita (embora confessional), ainda dentro do mesmo campo de debates, recoloca questões semelhantes às de Lewgoy, quando sublinha como fator significativo para o seu caso o crescimento dos “sem-religião” e “agnósticos”. Pensa tratar-se então, de um processo de secularização, ou seja, não de uma opção de negação de Deus mas da negação à pertença a uma religião-igreja. Uma opção de “fuga da religião” em lugar de “fuga do ateísmo”.<sup>49</sup> Somado ao expressivo número daqueles que se declaram “católicos não-praticantes”, avalia que esses também poderiam ser classificados de “sem-religião”, pois se auto-identificam como pertencendo a uma confissão por temerem um estigma que a não-crença possa provocar, embora se comportem na prática como os “sem-religião”.<sup>50</sup>

Como síntese deste conjunto de artigos articulados na pesquisa coordenada pelo NER/UFRGS, podemos dizer que espelham principalmente um campo de reflexões sobre religião e modernidade, sendo o segmento universitário apenas uma “entrada” empírica para se auferir essas dinâmicas e tendências. Uma exceção parece ser o artigo de Lewgoy<sup>51</sup> que percebe uma tensão entre o “ser jovem” e o “ser religioso” na composição identitária desse segmento. Isto quando ele frisa que nas referências literárias, políticas e musicais das respostas desses jovens há uma uniformidade que marcaria um padrão de identidade, que no entanto se dissipa ao serem trazidas as referências religiosas, onde aparece a interferência do campo familiar e do campo religioso local, fragmentando essa identidade do “jovem universitário” em várias e diversificadas identidades.

---

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 128.

<sup>49</sup> A. L. JUNGBLUT, *op. cit.*, p. 139.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 141.

<sup>51</sup> B. LEWGOY, *op. cit.*, p. 113-116.

### 3.3 Os jovens no contexto das pesquisas sobre religiões

Além dos estudos que vêm tematizando a juventude, enfocando-a como objeto principal das investigações, existem também pesquisas e trabalhos que delineiam características da juventude sob uma perspectiva diversa, investigando os matizes que esse segmento pode apresentar no contexto das tradições e movimentos religiosos no Brasil.

Iremos apresentar duas pesquisas que, embora trabalhem com universos empíricos muito diferenciados, podem estar aqui reunidas na medida em que compartilham o mesmo olhar "perspectivado" na abordagem da juventude. A primeira delas investiga a disseminação e popularização da cultura "nova era", enfocando a juventude universitária nesse leque de preocupações teóricas; a segunda, por sua vez, se debruça sobre as relações entre juventude e sexualidade no contexto do candomblé.

A primeira dessas iniciativas compreende, na verdade, um conjunto de estudos realizados a partir de *surveys* comparativos entre estudantes universitários de vários países europeus e americanos, que têm procurado delinear padrões de mudança religiosa nas sociedades contemporâneas, em especial, as formas de incorporação de crenças, práticas e métodos característicos da religiosidade *New Age*. Trata-se de uma pesquisa internacional que, na sua "vertente" brasileira, constitui-se como uma sub-pesquisa – intitulada "Religião e esoterismo, práticas místico-esotéricas e atitudes políticas entre estudantes" –, da pesquisa coordenada por Deis Siqueira, que versa sobre as práticas místicas e esotéricas no Distrito Federal.

Assim, na sub-pesquisa propriamente dita foram consultados jovens universitários da UNB. Os seus resultados foram divulgados em algumas publicações: em *Religião e Sociedade* (22/2, 2002), sob o título *Religião e esoterismo entre estudantes: um estudo comparado internacional*<sup>52</sup>, onde, além de

---

<sup>52</sup>Os resultados fazem parte de um *survey* que foi realizado em *pool* com pesquisadores de vários países, apresentando, portanto, resultados mais abrangentes que os limites deste artigo.

Siqueira, também assinam o artigo Adrina Valle-Höllinger e Franz Höllinger; no livro *Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*<sup>53</sup>, organizado por Siqueira e Ricardo Barbosa de Lima, nos capítulos “Esoterismo, ciência e política: a Nova Era entre estudantes universitários”, assinado por Franz Höllinger, e “Novas religiosidades, estilo de vida e sincretismo brasileiro”, de autoria de Siqueira; por fim, no livro *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*, assinado por Siqueira, também lançado em 2003, onde se encontra um pequeno capítulo referente à pesquisa internacional, intitulado “Estudantes universitários em comparação internacional”.

No conjunto dessas publicações alguns elementos podem ser destacados. Assim, embora o enfoque principal seja o de investigar a disseminação da cultura *New Age*, a escolha do universo pesquisado deveu-se não somente a questões práticas e financeiras, mas também a uma adequação desse universo aos objetivos da pesquisa, argumentando-se que “(...) a recepção da literatura *New Age* e das técnicas esotéricas é maior entre as pessoas jovens e de meia-idade pertencente aos estratos com maior nível de escolaridade (...)”.<sup>54</sup>

No artigo publicado em *Religião e Sociedade*,<sup>55</sup> os resultados apresentados foram distribuídos entre quatro grandes regiões: América Latina, EUA, Sul da Europa e Norte-Oeste da Europa. Também foram apresentados dados distribuídos por países (referentes às crenças e práticas religiosas), bem como indicadores de frequência religiosa, crenças e atividades *New Age*, distribuídos por cidades (Medellín, Montevideu, Brasília, Porto Alegre, Goiânia, João Pessoa, Londrina e Posadas). Como conclusão geral, os autores argumentam que embora possam existir variações entre a cultura universitária e o restante da população, verifica-se, nesse caso, uma influência das características do ambiente social e cultural no qual vivem os estudantes. Afirma-se que – contrari-

<sup>53</sup>Deis SIQUEIRA; Ricardo B. LIMA, (orgs), *Sociologia das Adesões. Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*.

<sup>54</sup>Deis SIQUEIRA et al., *Religião e esoterismo entre estudantes: Um estudo comparado internacional*, p. 116.

ando as previsões que advogavam uma maior secularização em ambientes sensíveis à linguagem científica – as crenças religiosas desse segmento acompanham o nível de religiosidade da sociedade abrangente.

Nos capítulos referentes à publicação *Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*, algumas questões são retomadas e outras, aprofundadas. O texto de Höllinger norteia-se pela confirmação ou refutação de hipóteses mais amplas referentes aos graus de afinidade dos estudantes em relação às crenças e práticas esotéricas, bem como os desdobramentos dessa afinidade no âmbito da participação política e social. O texto de Siqueira, por sua vez, apresenta mais resultados referentes à religiosidade dos jovens da UNB (adesão religiosa, afinidades com outras religiões, práticas e crenças religiosas), mas esses dados encontram-se articulados às suas preocupações mais amplas sobre as novas religiosidades e estilos de vida em Brasília.

Por fim, parece-nos que essa abordagem que investiga a questão da juventude de forma "perspectivada", ou seja, como uma dimensão que pode matizar os espaços e experiências religiosas, também é encontrada no trabalho de Patrícia Birman, intitulado "Futilidades levadas a sério: o candomblé como uma linguagem religiosa do sexo e do exótico", inserido numa coletânea de artigos organizado por Hermano Vianna: *Galerias cariocas, territórios de conflitos e encontros culturais*.<sup>56</sup>

Discutindo questões de sexo, gênero e possessão, Birman considera que a construção do gênero no candomblé encontra-se atravessada pela centralidade da "possessão" na sua afinidade com o que ela chama de "pólo feminino". Diferentes papéis de gênero podem ser recobertos nessa categoria, incluindo-se aí as suspeitas de homossexualidade e a questão dos "adés" (homens que "viram" no santo, considerados menos masculinos em relação aos que exercem ou-

<sup>55</sup>Boa parte dos dados apresentados nesse periódico foi retomada por Siqueira, no livro de sua autoria, já citado, no capítulo sobre os estudantes universitários.

<sup>56</sup>Patrícia BIRMAN, *Futilidades levadas a sério: o candomblé como uma linguagem religiosa do sexo e do exótico*.

tras atividades no terreiro, como, por exemplo, os “ogãs”). Articulada à centralidade da possessão, Birman introduz a variável da juventude – matizando a questão do gênero – para compreender a especificidade da experimentação religiosa entre os jovens “adés”, bem como as tensões envolvidas entre estilos de possessão: por um lado, o lazer e o erotismo da possessão entre os jovens; por outro, o trabalho e a obrigação na relação com os orixás, valorizados entre os mais velhos. Assim, Birman argumenta acerca do sentido religioso de uma experiência matizada pela questão do gênero, mas também da juventude, conformando um “ethos” que, como ela mesma salienta “nem sempre sobrevive no indivíduo com o desenrolar das exigências que lhes são impostas com o correr do tempo”.<sup>57</sup>

#### 3.4 Abertura para a dimensão da cultura, em Novaes. Juventude e Religião: contestação na linguagem do “hip-hop” e do “rap”

Constata-se nos trabalhos subseqüentes de Novaes, dentro da temática da juventude e religião, uma ampliação do objeto. Restrito nos primeiros textos ao âmbito da universidade e ao Curso de Ciências Sociais, passa, em seguida, a centrar-se em manifestações culturais da juventude brasileira em geral, focando o tema da violência urbana. A partir do caso do grupo de “hip-hop” Racionais MC’s, no texto *Ouvir para Crer: os Racionais e a fé na palavra*, publicado em *Religião e Sociedade 2011 de 1999*, a autora reflete sobre como expressões culturais juvenis urbanas no Brasil articulam os temas: juventude, violência e linguagem religiosa.

Geralmente constituídos em torno de uma atuação social em defesa da paz e contra as drogas em áreas periféricas e de favelas, estes grupos jovens têm uma grande aproximação com ONG’s, igrejas e instâncias governamentais, sem perder sua autonomia que se materializa em conexões de “redes” internacionais, como também em uma ligação com o mercado (que se dá em parcelas destes grupos). Via merca-

<sup>57</sup>Ibid., p. 244.

do fonográfico, querem vender uma mensagem, mas não querem “se vender” ao sistema e à *mídia*. Para a autora, esta parece ser a tensão constitutiva do movimento, despontando os Racionais MC’s como paradigma exitoso desta tensão, pois oriundos da periferia alcançaram o grande mercado sem fazer concessões na radicalidade de sua mensagem.

Segundo Novaes, nesta nossa sociedade “globalizada”, a “diferença” e o “fora do lugar” podem ganhar uma importância no mercado e sua mensagem passa a ser repercutida na sociedade mais ampla, apropriada por vários outros segmentos. Nesse sentido, grupos como os Racionais MC’s veiculam um estilo que acentua traços socialmente associados à periferia e à contracultura (vinculados à denúncia social, geralmente da violência policial), mas que permitem que jovens de condição social diferente partilhem deste mesmo universo de referência. Aqui, o tema do hibridismo dos artigos anteriores, com suas passagens, comunicações e encontros, ganha, de novo, vulto.

Quando passa a interpretar o conteúdo dos raps, então, a ênfase da reflexão de Novaes situa-se plenamente no terreno do sincretismo (religioso). Ao ressaltar a conexão, expressa nas letras destes *raps*, entre Jesus e Oxalá, a autora conclui que a mensagem contida neles recupera o tradicional sincretismo religioso afro-católico como forma de expressar um ethos de negritude e cultura de sobrevivência diante da violência e marginalização despersonalizadora a que são submetidas estas populações. Além desse “sincretismo clássico”, a autora constata que as letras dos raps também expressam a “religiosidade difusa”, tão característica dos “religiosos sem instituição”. Aqui a autora retoma, dentro do enfoque da cultura, o diagnóstico daquela mesma tendência societária (da religiosidade desinstitucionalizada, individualizante e híbrida) constatada nas etnografias anteriores das juventudes universitárias.

A iconografia dos cd’s e a temática das letras dos Racionais MC’s expressam a realidade da periferia onde o sentido da vida se dá na co-presença entre a violência da guerra e a religião da “palavra” bíblica. Cantadas numa mistura de irreverência e moralismo, combinando sagrado e profano,

estas letras terminam por produzir uma identificação para o jovem consumidor seja das favelas, seja do “asfalto”, pois constituem um “produto cultural” à base desta “nova expressão sincrética”, que se utiliza de imagens religiosas, mas dispensa a mediação das igrejas e agentes religiosos formais, e usam do discurso da “subjetividade” para dar realce a uma mensagem social.

No recente texto, “Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público”, publicado em 2003 em *Religião e espaço público*, livro organizado por Patrícia Birman, Novaes mantém-se dentro do enfoque da dimensão cultural dos movimentos de “hip hop” das periferias urbanas como forma de tratar a questão da juventude e religião. Todavia, não se fixa em um “estudo de caso”, como no artigo anterior, mas estabelece uma *tipologia* da linguagem religiosa nos *raps*: *rap* gospel, *rap* sincrético e *rap* feito de salmos. Estes tipos estariam presentes enquanto pólos em um *continuum*. No extremo, o rap gospel caracterizado pela sua pertença confessional evangélica; na zona intermediária o *rap* sincrético, representativo dos empréstimos múltiplos entre católicos e afro-brasileiros que marcaram a religiosidade tradicional no Brasil; no outro extremo, o *rap* dos salmos, que fala uma linguagem religiosa descompromissada das igrejas e agentes religiosos, caracterizando-se como fenômeno contemporâneo da “desinstitucionalização” e dos “religiosos sem religião”.

Outra perspectiva inovadora enunciada neste artigo – que já estava alinhavada em texto anterior<sup>58</sup>, quando relacionava como condicionantes da construção de juventude: mercado de trabalho, violência urbana e linguagem da comunicação visual (*internet*) – é a que situa a questão da juventude e religião dentro do *espaço público*. Esta perspectiva pode ser creditada à experiência de pesquisa e intervenção da autora enquanto “quadro” de ONG, que se expressou em outros textos<sup>59</sup>, os quais examinaremos à frente.

<sup>58</sup>R. C. R. NOVAES, Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas.

<sup>59</sup>R. C. R. NOVAES; C. C. J. MAFRA, Juventude: conflito e solidariedade; R. C. R. NOVAES; C. C. A. MELLO, Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos.

<sup>60</sup>R. C. R. NOVAES; C. C. A. MELLO, Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos, p. 7.

A problemática da juventude e religião dentro do espaço público aparece na reflexão da autora em duas direções. Uma, na constatação da estratégia que move os grupos de hip-hop, que é a de se enraizar na própria comunidade e influir na polarização dos jovens locais, afirmando uma identidade própria, alternativa às drogas, à criminalidade, sem perder “as raízes”. Estratégia expressa no ato de fundar “posses” dentro da comunidade – jargão interno – que garante uma eficácia na transformação deste jovem e das ações transformadoras que se estabelecem através deles, nas comunidades. E outra direção que se configura a partir de um texto da psicanalista Maria Rita Kehl, onde ela aponta nos conteúdos “religiosos” das letras dos *raps* um “esforço civilizatório”, pois ao invocarem a figura de Deus (Jesus, Oxalá) diante de uma realidade em que impera a barbárie, criam um último esforço de “simbolizar a lei” e de difundir a ética, para, nas próprias palavras dos *raps*, “não deixar a vida desandar”. Desta forma, segundo Novaes, a cultura *hip-hop* constitui-se num oásis de espaço público em regiões periféricas dos grandes núcleos urbanos, “privatizados pelo tráfico e submetidos à violência e corrupção policial”.

### 3.5 Pesquisas e Intervenções em escala ampla na abordagem de Novaes: o papel da juventude na sociedade

Observamos uma gradativa ampliação de perspectiva no tratamento dado por Novaes à questão da juventude. Esta alcança sua culminância na pesquisa quantitativa *Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos*, publicada em *Comunicações do ISER*, nº 57, em 2002, tanto pela variedade das temáticas envolvidas (a religião inclusive!) quanto pelo universo pesquisado, os jovens do município do Rio de Janeiro.

Dentro deste enfoque, uma característica que já aparecia em outros estudos da autora com recorte mais reduzido – juventude universitária e movimentos de *hip-hop* na sua relação com a religião – que é o enquadramento da categoria “juventude” dentro do espectro da *sociedade* e das tendências contemporâneas, torna-se evidente na escala ampliada (o universo social da cidade do Rio) desta nova pesquisa.

da sociedade. Organizada não sob a forma de pesquisa, mas de Ciclo de Debates: “Juventude, Conflito e Solidariedade”, foi publicada em *Comunicações do ISER* nº 50 de 1998. Nesta publicação figuram depoimentos de vários grupos jovens de diversos matizes: ecológicos (Onda Verde), políticos (jovens do MST), meninos de rua (Ex-Cola, “Se Essa Rua Fosse Minha”) e também religiosos (dos evangélicos – Jocum, Madrugada do Carinho –, aos esotéricos e orientalistas, Santo Daime e Hare Krishna). A revista resenha o ponto de vista destes grupos jovens sobre a crise e as mazelas da sociedade brasileira e suas propostas de superação. Como síntese conclusiva, Novaes e Mafra elaboram uma “agenda” com vários pontos: educação, trabalho, profissionalização, relações com a polícia e com o tráfico, relações raciais, de gênero, questão da sexualidade, mídia, política e, também, a religião. Neste particular, percebe-se recorrências de pesquisas anteriores, como a marcante presença evangélica, exigindo posicionamento e negociação e, atravessando vários grupos, principalmente os neo-esotéricos e os ecológicos, a chamada “religiosidade difusa” dos “sem-religião”.

Já na introdução à pesquisa “Jovens do Rio”, Novaes pontua o papel da sociedade como nexos para compreendermos a juventude, através da idéia de Abramo, de que “a juventude é um *retrato projetivo da sociedade*”<sup>60</sup>; assim como afirma que a juventude “simboliza os dilemas da contemporaneidade”.<sup>61</sup> Em seguida, justifica a ampliação do ponto vista micro-sociológico (de trabalhos anteriores) para outro macro-sociológico, ao recuperar nas pesquisas que antecedem a atual, “um acervo de dados qualitativos (...) entrevistas, grupos focais, levantamentos e avaliações de jovens”<sup>62</sup>, que pediam uma *generalização*. O *survey* que empreende e que assina com Cecília Campello do A. Mello – coordenadora do trabalho de campo – cobre todo o município do Rio de Janeiro – dividido em Regiões Administrativas que contêm seus bairros e distritos – quando, através do método

---

<sup>60</sup>Ibid., p. 7.

<sup>62</sup>Ibid., p. 8.

Rio de Janeiro – dividido em Regiões Administrativas que contêm seus bairros e distritos – quando, através do método *probabilístico* (que prevê a chance de todos os jovens do Rio serem contemplados), foram sorteados 1000 jovens de acordo com a proporcionalidade populacional de cada bairro. Cada um desses jovens responderia a um questionário com dados sobre idade, escolaridade, gênero, cor, local de moradia, situação no mercado de trabalho, além da *religião*. Outro leque de perguntas inova, ao se debruçar sobre temas como sexualidade, drogas, preferências de lazer, problemas do país e uma percepção deste jovem sobre si mesmo. Dos 1000 jovens sorteados, 800 responderam ao questionário, representando perda de 20%.

No que tange ao tópico “Religião e crenças”, numa primeira aproximação pode-se ver que em relação às preferências religiosas da população do Rio, os jovens as acompanham, no entanto, radicalizando-as. Dos 57,16% de católicos – o Rio é o estado da federação com menor número de católicos – esta proporção cai para 51,9% entre os jovens cariocas. Quanto aos evangélicos – segunda religião na média brasileira e carioca – dos 21,13% da população cai para 18,6% entre a juventude. E, por fim, dos “sem religião” da população carioca, 15,53% – a maior população de “sem religião” do país – a proporção aumenta ainda mais entre os jovens: 21,2%. Convém dizer que – acompanhando as outras pesquisas qualitativas de Novaes sobre o mundo da cultura jovem e a religião e as outras quantitativas, da mesma autora, sobre universos mais restritos, como universitários – estes jovens “sem religião” não se colocam como ateus (só apenas 0,8% se declaram assim), mas se dizem na maioria, 15,9%, possuírem crenças, mas não religião.

Uma perspectiva criativa desta pesquisa foi a de operar cruzamentos entre a freqüências de campos separados, obtendo respostas não apenas univariadas, mas bivariadas. Cruzamentos entre indicadores de classe social, local de moradia e as pertencas religiosas permitiram visualizar estatisticamente algumas tendências sugeridas por análises qualitativas. Surpreende, na avaliação da autora, o fato que, entre os jovens mais pobres, 1/3 deles se declararem “sem reli-

das as freqüências entre pertença religiosa e opiniões sobre temas da moral sexual, como aborto e união civil entre homossexuais, oferecendo uma análise sobre questões tão atuais dentro de um corte quantitativo. Lamenta-se apenas que estes cruzamentos poderiam ser estendidos para outras combinações, como, drogas e religião, etc. A aceitação da possibilidade de aborto é mais alta entre os católicos não-praticantes, religiões afro-brasileiras e “sem religião” e encontraram sua maior oposição entre os evangélicos. Com relação ao casamento homossexual, houve uma polarização: 50% indiferentes, com maioria entre católicos não-praticantes e espíritas, 25% contra, principalmente entre pentecostais e 25% a favor, principalmente entre os afro-brasileiros. Um investimento nestas técnicas de pesquisa termina por levar a inferências cada vez mais gerais, como as que apontam, para estes jovens, em questões como a sexualidade, um peso maior de um estilo da sociedade do que dos preceitos (proibitivos) religiosos (50% afirmam já ter tido relações sexuais).

Por fim, em termos de relação entre juventude e religião, no que tange à juventude da cidade do Rio de Janeiro, a pesquisa não aponta uma tendência isolada. Segundo Novaes, as tendências que aparecem em jogo – a afirmação de pertença institucional, o trânsito entre religiões e a definição como “sem religião” – fazem parte de uma mesma dinâmica de competição e complementaridade. Dentro deste “contexto, explicitam-se velhos sincretismos e surgem novas combinações”.<sup>63</sup>

## Conclusão

Para realizar esta resenha bibliográfica, que publicamos em uma revista de “estudos da religião” nós, antropólogos “da religião”, docentes e pesquisadores de um Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, tivemos que fazer um *investimento no campo de estudos da juventude*, para a partir deste

---

<sup>63</sup>ibid., p. 81.

Graduação em Ciências da Religião, tivemos que fazer um *investimento no campo de estudos da juventude*, para a partir deste enfoque de estudos de juventude tratar a inserção da temática da religião neste campo. Contudo, ao cabo do nosso empreendimento, percebemos que pelo caminho inverso e simétrico podemos chegar também a resultados semelhantes. Do ponto de vista dos *estudos da religião*, a incorporação da temática da juventude oferece possibilidades iguais de desvelar articulações, passagens e comunicações geradoras das identidades e dinâmicas da sociedade (brasileira) contemporânea. Trata-se então, de uma *zona de interseção* entre "antropologia da juventude" e "antropologia da religião", e isto remete a questões como: a crescente interpenetração entre os campos sociais e culturais contemporâneos, a suspensão entre áreas temáticas de pesquisa rígidas, a versatilidade da disciplina antropológica em conjugar esta pluralidade metodológica no seu seio, e quiçá de interdisciplinaridade.

## Bibliografia

- ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMOVAY, Mirian et alii. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- ALVIM, Maria Rosilene B.; VALLADARES, Lícia do P. Infância e sociedade no Brasil: uma análise da literatura. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 26, 2º semestre de 1998, p. 3-37.
- ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens de periferia. *Educação e Pesquisa*, v. 27, n. 1, 2001, p. 141-160.
- ARIÉS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BIRMAN, Patrícia. Futilidades levadas a sério: o candomblé como uma linguagem religiosa do sexo e do exótico. In: VIANNA, H. (org.) *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CAMURÇA, Marcelo A. Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora – MG. *Debates do NER*, n. 2, 2001, p. 37-64.
- CARDOSO, Alexandre; PEREZ, Léa F.; OLIVEIRA, Luciana. Quem mora ao lado? O pecado ou a virtude? Um estudo comparativo sobre a adesão religiosa e política entre estudantes de Ciências Sociais e de Comunicação da FAFICH/UFMG. *Debates do NER*, n. 2, 2001, p. 65-102.
- CARMO, Paulo S. Juventude no singular e no plural. *Cadernos Adenauer II*, n. 6, dez. 2001. Número temático: As caras da juventude.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan/jun 2002.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- EISENSTADT, S. N. *De geração à geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade brasileira*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GAIGER, Luiz Inácio; LOCKS, Eliane Conceição; SILVA, Cleonice. Uma visão preliminar dos estudantes da UNISINOS. *Debates do NER*, n. 2, 2001, p. 117-132.
- IANNI, Otávio. O jovem radical. In: *Sociologia da Juventude*, vol I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- JUNGBLUT, Aírton Luís. A religião entre os estudantes de Ciências Sociais hoje: declínio do ateísmo ou despolarização de posicionamentos? *Debates do NER*, n. 2, 2001, p. 133-144.
- LEWGOY, Bernardo. Secularismo e Espiritismo nas Ciências Sociais: discutindo os resultados da UFRGS. *Debates do NER*, n. 2, 2001, p. 113-116.
- LIMA, Ari. Funkeiros, timbaleiros e pagodeiros: notas sobre juventude e música negra em Salvador. *Caderno CEDES*, v. 22, n. 57, p. 77-96, ago. 2002.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. (org.) *Mannheim. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1982.

- MARGULIS, M.; URRESTI, M. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de S. et alii. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MISSE, Michel. *Malandros, marginais e vagabundos & acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. (Tese de Doutorado em Ciências Humanas). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.
- NOVAES, Regina C. R. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. *Comunicações do ISER*. N. 45, 1994, p. 62-74.
- \_\_\_\_\_. Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra. *Religião e Sociedade*, 20/1, 1999, p. 65-92.
- \_\_\_\_\_. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (org.) *Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p.181-207.
- \_\_\_\_\_. Errantes do novo milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: BIRMAN, Patrícia (org.) *Religião e espaço público*. Brasília: CNPQ, PRONEX, São Paulo: Attar Editorial, 2003, p.25-39.
- NOVAES, Regina C. R.; MAFRA, Clara Cristina Jost. Juventude: conflito e solidariedade. *Comunicações do ISER*. n. 50, 1998.
- NOVAES, Regina C. R.; MELLO, Cecília Campello A. Jovens do Rio: circuitos, crenças e acessos. *Comunicações do ISER*, n. 57, 2002.
- PAES, José M. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1993.
- SIQUEIRA, Deis et alii, Religião e esoterismo entre estudantes: Um estudo comparado internacional. *Religião e Sociedade*, n. 22/ 2, 2002.
- SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo B. (orgs.) *Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, Vieira, 2003.
- SIQUEIRA, Deis. *As novas religiosidades no Ocidente: Brasília, cidade mística*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- SPOSITO, Marília P. Estudos sobre juventude e educação. *Revista brasileira de Educação, Juventude e Contemporaneidade*, n. 5-6, 1997.

- \_\_\_\_\_. A instituição escolar e a violência. *Revista de estudos e pesquisa em educação*, n. 104, 1998.
- STEIL, Carlos; ALVES, Daniel; HERRERA, Sonia. Religião e política entre os alunos de Ciências Sociais. *Debates do NER*, n. 2, 2001, p. 9-35.
- VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- VIANNA, Hermano. *Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1997.